

# Corrida do ouro já matou 300 em Roraima

ARQUIVO



Na busca do ouro, o garimpeiro se encontra, primeiro, com a violência

**EXPEDITO PERÓNICO**  
Correspondente

Boa Vista — A briga pelo poder e a prostituição — que disputa a peso de ouro o amor dos garimpeiros — vem deixando um rastro de sangue nos garimpos de Roraima. Uma verdadeira carnificina está acontecendo nas regiões auríferas onde assassinatos brutais se verificam todos os dias com os cadáveres apenas sendo atirados no rios que servem de sepultura. A constatação foi feita pelo ex-agente da Polícia Civil Sebastião de Sousa Cunha que voltou do garimpo assustado com o índice de homicídio que viu, além dos cadáveres em estado de decomposição encontrados boiando nas águas.

Segundo levantamentos do Instituto de Medicina Legal de Boa Vista, somente este ano mais de 100 pessoas foram necropsiadas pelos legistas. A maioria dos mortos, vítimas de homicídios, tinha ligações com o garimpo. A corrida do ouro, que começou efetivamente em outubro de 1987, em Roraima, já produziu mais de 300 mortes entre assassinatos, desastres aéreos e acidentes com deslizamentos de barreiras em encostas de serras.

"Aquilo lá virou inferno. É um Vietnã" — avalia Cunha. "Há semanas onde até

três pessoas são eliminadas por dia. Os matadores, nunca incomodados, carregam suas armas assim como descarregam no corpo de alguém, com a maior frieza e depois continuam bebendo e se divertindo".

Segundo o ex-policial existem várias conexões de crimes praticadas nos garimpos roraimenses: Contrabando e venda de armas e munição, assassinatos por encomenda, excesso de bebida alcoólica — proibida na região —, comércio ilegal de drogas e prostituição.

Só nos pequenos cabarês, sempre instalados às margens das pistas clandestinas construídas na selva (existem mais de 70), ficam as mulheres "garimpando", os homens, que passam até seis meses sem vir à cidade. "A maioria das mortes ocorre por causa de brigas envolvendo mulheres", revela Sebastião Cunha. "Nos garimpos o que impera é a lei do mais forte. A vida humana não tem o menor valor; eles matam rindo, brincando como se tirar vida de gente fosse coisa do cotidiano".

"Na aldeia Campo Verde, dos índios Xiriana, um elemento conhecido por "Louro" matou um outro garimpeiro quando eu acabava de chegar. Na pista Santa Rosa quando desci

do avião avistei um corpo estendido. Cheguei junto e pude constatar que ele acabara de ser assassinado. Ele segurava algo na mão direita, era uma folha de caderno, pequena, escrita de cima para baixo: Meu nome é Antônio Nunes Pereira".

Não há nenhum plano dos órgãos de segurança para conter a escalada da violência nas regiões do ouro. Até o início deste ano a Polícia Militar mantinha pelotões em pontos estratégicos dos garimpos, mas os homens foram recolhidos para a capital, que também tem deficiência de pessoal na área de segurança.

Sem a intervenção da polícia, conforme avalia Sebastião de Sousa Cunha a tendência é aumentar o número de homicídios cometidos principalmente pelos pistoleiros contratados por donos de pistas. "Os capangas levam as armas na cintura e fazem questão que os garimpeiros as vejam. São pistolas 7.63, revólveres calibre 38 e espingardas de grosso calibre", diz Sebastião Cunha. Ele procurou a Secretaria de Segurança para relatar o que viu, mas não foi recebido. "É preciso que se faça alguma coisa. Afinal de contas, as pessoas necessitam de segurança", concluiu ele.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

CEEDI

FONTE : *Correio da Manhã*

DATA : 25 5 89

CLASS. : 14

PG. : 16